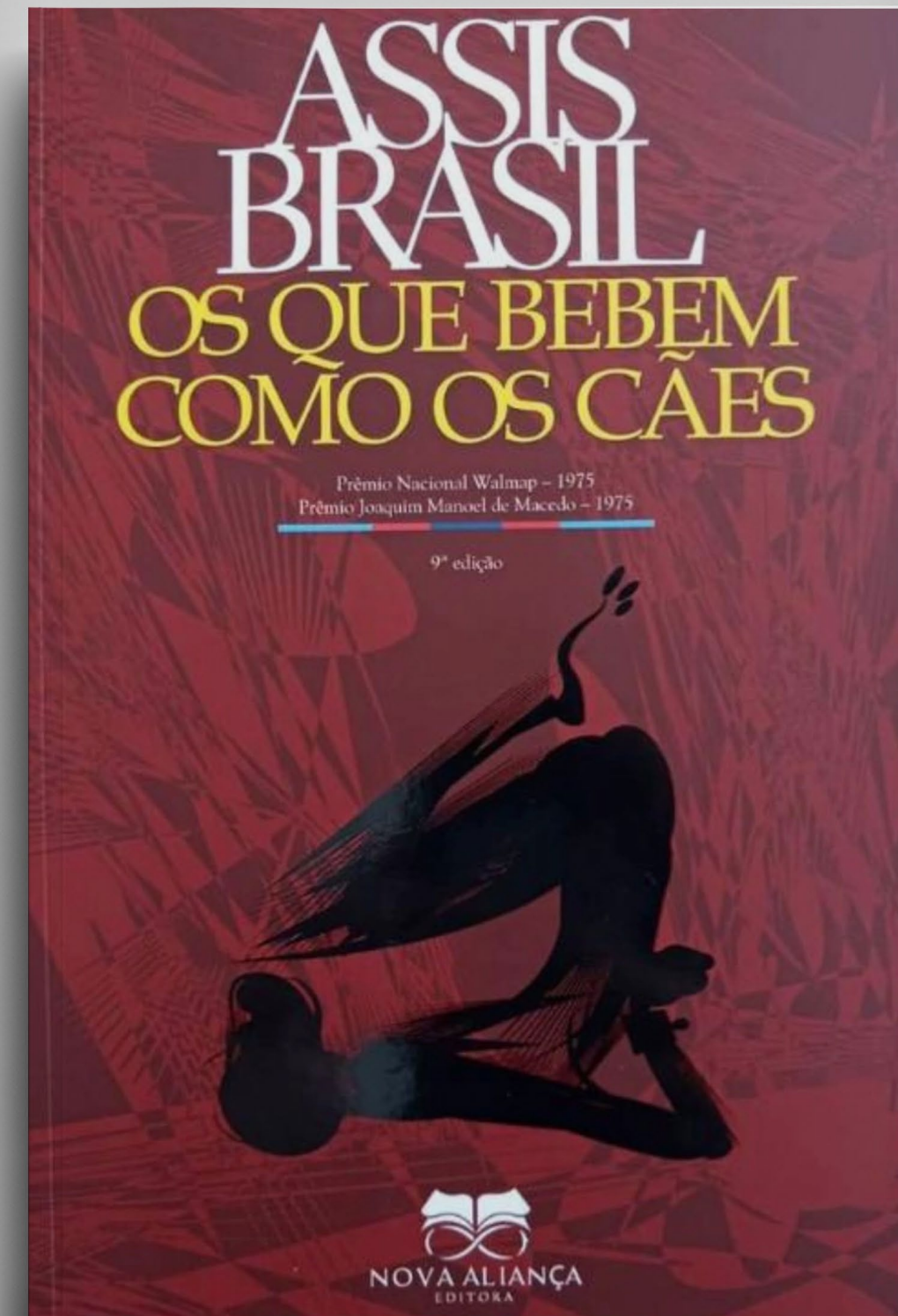

Onde bebem os cães: reflexões sobre memória e território na obra de Assis Brasil

Maria Clara dos Santos Lima



entendemos também as dinâmicas de poder em que ele está submetido no território, e como perder sua memória é, ao mesmo tempo, perder a sua identidade.

posto para beber e se molhar. A água abundante e generosa, como descreve, desce pelo rosto e ele a bebe “com a angústia de quem descobre tarde a sua sede” (Brasil, 2013, p.12).

No entanto, dia após dia, o protagonista passa a entender o pátio como um prolongamento da tortura que vem sofrendo. Arquiteticamente, a análise do pátio como elemento constituinte de estruturas repressivas vai desaguar nessa mesma conclusão: embora seja percebido como um ambiente símbolo de convivência e relacionamento humano (Consiglieri, 2000), e por isso sua recorrência institucional, quando aplicado em um programa arquitetônico prisional, se constitui em apenas mais uma forma de controle, uma fiscalização amplificada para momentos que deveriam ser de descompressão.

Porém, a tomada consciência do personagem é gradativa: primeiro, ele observa uma longa fila de homens se formando para beber água e para o “banho”, mas com os solavancos percebe que, apesar da necessidade, todos estão fazendo forçadamente a mesma coisa, de forma animalesca. Depois, se dá conta que a claridade, antes afetuosa – porque era o oposto do cubículo escuro onde passara a maior parte dos dias –, era uma ilusão: a luz difusa, um clarão que não cedia, não vinha do Sol, era como milhares de lâmpadas enormes. Ou seja, a sua noção de tempo também era manipulada, o que parecia manhã, na verdade, era um cenário.

O esparadrapo colocado na boca dos prisioneiros também muda a percepção do narrador. À medida que o guarda tira a fita de um dos homens e o empurra para o jato de água, evita que ele diga, ou melhor, grite alguma coisa. “O grito”, capítulo sempre após “o pátio”, é *locus* de uma assimilação do narrador sobre si. Ao ouvir os outros presos gritarem “Mãe!”, “Mãe!”, “Maria... Minha Maria”, o protagonista percebe que sim, ele tinha um passado, mas também que não podia se lembrar de nada.

Esse artifício do autor que coloca o grito como um lu-

gar, materializado na ação, é uma das maiores surpresas da narrativa. Ao tentar gritar, o protagonista percebe que não tem nome algum na mente, portanto não pode ocupar aquele lugar. Ao entender o termo “mãe” como algo estranho e distante, o narrador nos põe diante da função da memória como um artifício vivo, que ao mesmo tempo que é passado, também se faz no presente. Ao deitar no escuro e silêncio, o personagem não concatena pensamentos, nem reflexões, simplesmente por suas memórias se resumirem a cela, ao pátio, e agora, ao grito (dos outros).

Ao refletir sobre a possibilidade de gritar, o protagonista conjectura se ele é apenas a consciência sofredora de todos aqueles homens, homens sem liberdade, e indaga o que temem tanto os guardas no ato de gritar. Quando finalmente consegue fazê-lo, também compreende a motivação por detrás: gritou porque pôde, porque os outros homens não gritaram, e isso é um outro jeito, muito bonito, de ecoar que a liberdade, ainda que possa prescindir dos espaços, independe deles para existir, e a resistência, ainda que de todos, só precisa da ação de um.

3. Considerações finais

Quando não se tem memória, só se conhece aquilo que se vive. Em “Os que bebem como os cães” a repetição dos ambientes que o protagonista conhece – o pátio, a cela, o grito – evidenciam a rotina monótona do cárcere para o leitor, mas também demonstram que estamos conhecendo a totalidade daquilo que o personagem conhece: ao observar os seus pensamentos que orbitam apenas em função do banho, do pátio, da sopa, da cela, entendemos também as dinâmicas de poder em que ele está submetido no território, e como perder sua memória é, ao mesmo tempo, perder a sua identidade.

Os pensamentos cotidianos do protagonista não transgridem suas necessidades imediatas e limitadas, como a fome e a sede. Embora seja um romance, esse aspecto encena um conceito de Candau (2012, p.5) que reflete a memória como um vínculo aos aspectos conceituais e cognitivos, de forma que sem ela o sujeito está constantemente perdido, vivendo unicamente o momento. Da escuridão que transborda o ambiente da cela e toma conta do protagonista até o grito – não de desespero, mas de esperança –, há um percurso violento e tortuoso comum à realidade. A tortura, em todos os seus métodos, adianta gradativamente o tempo de morrer, portanto se convencionam na forma mais cruel de impor poder sobre outra pessoa.

Mesmo sabendo do destino inevitável de Jeremias, o texto coloca a memória gravitando, indo e voltando, sem amarras, e se materializando no grito. E, dessa forma, alegoricamente, Assis Brasil transborda a interpretação da memória que, além de agente político e forma de reparação, também bebe da mesma fonte que os cães: a esperança.

AUTORA
Arquiteta e Urbanista. Mestranda em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

FICHA TÉCNICA DA OBRA
Título: Os que bebem como os cães
Autor: Assis Brasil
Editora: Nova Aliança
Cidade: Teresina
Ano: 2013
Número de páginas: 188
ISBN: 978-85-913580-2-1

REFERÊNCIAS
BRASIL, Francisco de Assis Almeida. Os que bebem como os cães. 9. ed. Teresina: Nova Aliança, 2013.
CAPITEL, Antón. La arquitectura del patio. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
CANDAU, Joel. Memória e identidade. 1. ed. reimp.. São Paulo: Contexto, 2012.
CONSIGLIERI, Víctor. As signifições da arquitetura: 1920-1990. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.
MICHAELIS. Claustrofobia. Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/eaaj/claustrofobia/>. Acesso em: 25 fev. 2025.
RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. v.29. São Paulo: Ática, 1993.
ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.